Revista Diversidade e Educação

A CRIAÇÃO DE ACONTECIMENTOS: A EXPERIÊNCIA GRUPAL NO PROCESSO DE ADOLE (SER)

LA EXPERIENCIA DE GRUPO EN EL PROCESO DE ADOLE (SER)

THE GROUP EXPERIENCE IN THE PROCESS OF ADOLE (SER)

Luana Moletta de Carvalho[1]

Fernanda Belle Barichello[2]

RESUMO
O presente artigo tem a pretensão de articular reflexões a partir da experienciação de grupo com adolescentes em uma escola do interior do Rio Grande do Sul.A formação do grupo foi sustentada posterior aos relatos e acontecimentos de um certo mal-estar com sintomas depressivos ou de ansiedade problemática no contexto escolar. Assim, a partir dos encontros e das discussões teórico-práticas possibilitadas juntamente ao grupo, o trabalho se evidencia à metodologia cartográfica, entendendo que a produção de realidades cunha de uma valorização das singularidades. Posto isso, a experiência grupal refere-se a uma forma de resistência frente à instituição escolar, que além de bases de ensino, é sustentada por discursos aliados a um saber que produz verdades e modos de ser.
PALAVRAS-CHAVE: Grupo. Adolescentes. Metodologia cartográfica.

RESUMEN
Este artículo tienelaintenciónde articular reflexiones de laexperiencia grupal con adolescentes en una escuelaenel interior de Rio Grande do Sul. La formacióndel grupo se sostuvodespués de los informes y eventos de um ciertomalestar com sintomas depresivos o ansiedad problemática enel contexto escolar. Así, a partir de lasreuniones y discusionesteórico-prácticas que fueronposibles junto conel grupo, eltrabajo se evidencia em lametodología cartográfica, entendiendo que laproducción de realidades cuña de una apreciación de singularidades. Dichoesto, laexperiencia grupal se refiere a una forma de resistenciahacialainstitución escolar,

1 Acadêmica do curso de Psicologia, departamento de Ciências Humanas na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus de Santiago
2Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - 2011. Atualmente é docente na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus de Santiago.

(cc) BY-NC-SA

que, además de las bases educativas, está respaldada por discursos aliados a unconocimiento que produce verdades y formas de ser.
PALABRAS-CLAVE: Grupo. Adolescentes. Metodología cartográfica.

ABSTRACT
The present article intends to articulate reflections from a group experience with teenagers at a school in the countryside of Rio Grande do Sul. The formation of the group was sustained after reports and events of a certain malaise with depressive symptoms or anxiety in the school context. Thus, based on meetings and theoretical and practical discussions with the group, the work is evident in the cartographic methodology, understanding that the production of realities is aimed at valuing singularities. Therefore, the group experience refers to a form of resistance to the school institution, which in addition to its teaching bases, is support by discourses of knowledge that produces truths and ways of being.
KEYWORDS: Group. Teenagers. Cartographic methodology.

* * *

Atos de expansão, atos de implosão, atos-corte-de-fluxos.
Estamos no meio o tempo inteiro.
No meio, entre, onde não há mais identidades que se sustentem,
a não ser na sua evidente provisoriedade.
Estamos em uma onda, que vem sabe-se lá de que movimento de água,
faz outro movimento, desemboca ainda em um outroe já flui para outras paragens.
Regina Benevides de Barros

Introdução

Há uma ausência de um dos alunos junto à classe. Dessa vez, a falta é sentida com uma maior intensidade. Logo, a notícia confirma o que um todo, assim como o âmbito escolar não sabe lidar: o suicídio. A morte silenciosa, mas que deixa seus rastros e seu pedido de ajuda antes mesmo do ato.O fim da vida de um jovem da instituição escolar ratifica o amedrontamento e as dúvidas dos profissionais da escola em lidar com o fato. “O que acometeu o adolescente a ir ao ato?” São questionamentos que têm a necessidade serem escutados. Iniciativa que nos leva, amparados pelas ciências humanas, a articular possíveis caminhos para um melhor cuidado à saúde mental dos jovens e sua relação com a escola.

O acontecimento desestabiliza com a afirmação escolar que paira no entendimento homogêneo do pensamento, sequência de dias letivos, chamadas e notas como único modo de acesso ao quanto o aluno consegueproduzir. Afinal, há um sistema que exacerba a produtividade como meio para a sobrevivência, ou então, como relembraPelbart (2003),

(cc) BY-NC-SA

estamos o tempo todo nos encontrando com formas de vida que dizem como se comportar, se vestir, ou mesmo pensar.Singularidades fragmentadas à uma imposição de saber, de como se perceber e estar no mundo. Ao mal-estar que é sentido, foi solicitada a formação de grupos junto aos alunos do ensino médio da escola de rede estadual de ensino em um município do interior do Rio Grande do Sul.

A intenção à experiência do grupo, entendendo como a formação que está em continuidade, é de percorrer rotas que seguem a conexões possibilitadas pelo encontrocom o outro, na compreensão de um lugar grupal que sustente modos de lidar com as urgências junto ao contemporâneo e as transformações sentidas a um corpo de criança que é lançado a um confronto inevitável de um vir a ser de outra maneira. Assim, utilizamos a cartografia como metodologia para compor as discussões, afim de que sustente um lugar ao qual permita que as metas sejam construídas durante o percurso. Ou seja, não há a pretensão do alcance de metas já previstas, mas a atenção dotada ao próprio caminhar que as constitui. (BARROS; PASSOS, 2015). As escritas em diário de campo também compõem o processo do trabalho, já que as reflexões provocadas na particular atmosfera do contexto do grupo marcam passagem a uma materialização, para assim elaborar a vivacidade dos afetos gerados. Entende-se a escrita como constituição a um corpo, hypomnemata – "há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim – de acordo com a metáfora tantas vezes evocada da digestão – como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade." (FOUCAULT, 1992, p. 139).

O grupo não acompanha uma entrada específica, ou seja, não objetiva a processos identificatórios fixos, nem a separação entre objeto e sujeito. Há, portanto, intensidades capturadas nas diferenças que rompem com estruturas individualizantes, pedem passagem para a experiência capaz de produzir movimentos e discursos vinculados a outros. (BARROS, 2009). Os discursos se integram e dão forma e afirmações de singularidades, em que na busca de autoafirmação à aspectos da realidade, os adolescentes procuram no âmbito grupal rupturas à uma lógica hierárquica de relações, ao qual se confirma por relatos dos mesmos de suas vivências em sala de aula, em primazia à relação aluno e professor. Ou então, como remete o autorGallo (2017), na busca da afirmação de novas composições subjetivas, criar linhas de fuga permitem dar vazão a sujeitos estrangeiros denós mesmos.

Metodologia

A experiência da realidade está amparada metodologicamente na cartografia, para que seja possibilitado o acompanhamento dos processos que se tecem a partir dos encontros

(cc) BY-NC-SA

proporcionados no grupo. O pesquisador está colocado a um campo de pesquisa, ou seja, habitando um território que se faz desconhecido e que se articula a uma rede de forças. Objeto e pesquisador estão integrados, pois o que permite construir conexões no percurso da pesquisa são as observações ao próprio caminhar, a passos que não estão fragmentados, se tratando de uma processualidade. (BARROS; KASTRUP, 2015).

Conhecer e fazer estão no mesmo processo, o que nos remete a pesquisa como intervenção, visto que na relação entre sujeito, objeto e conhecimento, há um saber que não está ordenado e previamente pronto, mas é construído na medida em que o conhecimento está sendo produzido. Ou seja, as coordenadas de como se formaria o grupo não estiveram pré-prontas, mas acordadas junto ao que o desenvolvimento de ideias a um todo grupal proporcionava.A pesquisa-intervenção articula-se aos "analisadores", conceito-ferramenta proposto por Guattari (2004), ao trazer à tona a Psicoterapia Institucional. Por esse viés, entendemos como modos aquém de verdades já estáticas, mas que são despertos através de relações que são causadas no ambiente. Para Barros (2009), os analisadores são os acontecimentos que desnaturalizam e provocam análises, pois há um campo de implicação em que determina um jogo de forças a partir de valores, expectativas, desejos e crenças.

O rizoma apresenta-se como parte do processo, posto que a vivência ao campo esteve na abertura aos encontros, na percepção e compreensão de que desejos dos alunos integrantes ao grupo circundavam nas trocas que eram possíveis através da linguagem. Por ele, entende-se o contrário de uma estrutura hierárquica, mas que centra as possíveis relações aos entremeios, nas ramificações e suas conjugações com outras, sendo um "mapa aberto, conectável em todas as suas dimensões". (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22). Ainda, a experiência ao campo possibilitou uma atitude cartógrafa, dotada de variedades de atenção, o que diz de um rastreio ao acompanhar os ritmos do grupo; ao toque, que intensifica a atenção quanto ao tipo de acontecimento que pode ser gerado; ao pouso, que permite o reconhecimento com aquilo que está sendo trazido pelo grupo, mas que não exclui outros diálogos; e por fim, o reconhecimento atento, que tende a investigar e traçar linhas de intervenção nos processos que se constituem. (KASTRUP, 2015).

A prática grupal ocorreu com adolescentes entre 15 e 16 anos da educação básica pertinentes ao segundo ano de uma escola da rede pública estadual. Os encontros tiveram início no ano de 2019, sendo tal estrutura de coordenadores e integrantes desenvolvida até o final do primeiro semestre e durante o período de 45 minutos, semanalmente, em sala de aula reservada

(cc) BY-NC-SA

ao espaço do grupo no horário pertinente. Houve a participação voluntária de 07 (sete) alunos (as) neste, posterior ao convite dos acadêmicos e professores às turmas do ensino médio.

Delineamentos a partir da adolescência

O termo adolescência é compreendido como processo do crescimento, influenciado pela peculiaridade de cada cultura. Tem sua origem do latim ad (a, para) e olescere (crescer), que, de acordo com a Organização Mundial de Saúde abrange o período evolutivo entre os dez aos vinte anos (OUTEIRAL, 2005). Quanto ao Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), indica a adolescência como a fase entre os 12 e os 18 anos de idade[3]. A puberdade é caracterizada como um fenômeno biológico relacionado a transformações corporais, e quanto à adolescência, é compreendida pelas mudanças psicológicas e influenciada ativamente pela cultura e sociedade. (BLOS apud OUTEIRAL, 2005).

No processo de ser adolescente, mudanças tanto físicas, psicológicas e da forma de se sentir ao mundo acontecem. Aberastury (1981), se refere ao luto pelos objetos do passado como sendo inevitáveis. Ainda para a autora, tanto as mudanças psicológicas e corporais levam a uma nova relação com os pais e com o mundo, partindo da perspectiva de que o conflito entre o luto ao corpo da criança, à identidade infantil e ao modo que percebe aos pais é elaborado. A identidade de adulto começa a ser formulada quando há a sensação de solidão frente ao meio familiar por já não ter a afirmação de antes sobre si e sobre as figuras parentais, nas mudanças do corpo que consequentemente obrigam-no a se desprender do corpo infantil. Busca-se "encontrar o lugar de si mesmo no seu corpo e no mundo, ser habitantes de seu corpo no seu mundo atual, real". (ABERASTURY, 1981, p. 15). A procura por identidade adulta, através do questionamento de saber "quem eu sou" a um sentimento interno de criação da personalidade sentida por si e reconhecida através do outro, demarca ao jovem a busca por novos modelos de identificação.

Partindo de uma concepção de se autoafirmar, há a agressão e desvalorizaçãoaos pais, porém essa é a forma de contestar o papel controlador que é exercido por eles, junto a conflitiva sobre a necessidade de aproximação dessas figuras. Aberastury (1981, p. 28), traz a "síndrome normal da adolescência" aos sentimentos que levam a um certo desequilíbrio e instabilidades do adolescente, como a introversão, apatia, crises religiosas, ao qual de acordo com a elaboração dos lutos - que dizem do luto ao corpo de criança, da identidade infantil e da relação

[3] Referente à Lei 8.069/1990, de 13 de julho de 1990, que refere também aos direitos e à proteção à criança e adolescente. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf>. Acesso em: 25 de junho de 2019.

(cc) BY-NC-SA

com os pais na infância – o mundo interno passa a se tornar mais organizado e a configuração de sentimentos menos conflituosas.

> P., com sua participação visivelmente ativa nos encontros e na implicação de elaborar questionamentos, transmite o seu descontentamento com algumas atitudes dos pais. A mãe tenta lhe impor a responsabilidade de estar focado nos estudos. Pois, assim, ele tem a chance de reparar aquilo que não foi exercido e não teve melhores circunstâncias para ela. "Por que eu tenho que fazer sempre aquilo que ela acha certo? Sei da importância de estar estudando, mas é por uma escolha minha seguir nesse caminho e não por uma vontade que ela impõe". (DIÁRIO DE CAMPO, dia 28 de maio de 2019).

O adolescente, percebendo que não há um lugar estático de autoafirmação em que a sociedade constataria sua busca por felicidade e processos de vida, a destoa como o lugar de discursos contraditórios e distintos, consequência para que se anule a presença de certas referências da infância. Assim, recusa o discurso dos adultos por conta da oscilação e na observância de que estão assujeitados a um "discurso do mestre", sendo esse como incapaz de ser alcançado. (RASSIAL, 2005, p. 80).

> O adolescente denuncia a submissão de seus pais ao "sistema", ou a pequenez de suas demandas, porque os percebe dependentes de uma ordem que os excede, de um mestre suposto que, desconhecido, assujeita-os, enquanto que lhe pareciam, quando ele era criança, todo-poderosos. O termo "sistema" traduz de modo feliz que se trata de um discurso, mas de um discurso do qual ninguém pode se apropriar, que é o registro da ordem. Motivo para, ingenuamente, ou se engajar num discurso da liberdade, ou então buscar um novo mestre, que seja, enfim, bom. (RASSIAL, 2005, p. 78).

Para a autora Alberti (2010), a presença dos pais, ainda que resistente, é essencial para que o sujeito adolescente possa compreender a função da separação. Pois, reconhecendo que os pais estão na sua relação de amparo e sustentação subjetiva, ele pode, enfim, escolher se quer afirmar seu maior processo de construção de separação. Em determinadas situações, os pais sentem que o cuidado que os filhos nutrem, é ausente da forma que se afirmava, ou que não há um reconhecimento e respeito, com críticas quanto ao seu suporte emocional, que consideravelmente afeta as particularidades da relação. Acabam atribuindo o distanciamento, ou então, se separam dos filhos antes dos mesmos determinarem a escolha. Entretanto, ainda de acordo com a autora, não há o entorno da linguagem para que possa ser colocado o lugar de significação de um filho para os pais, pois está além do concretizado pela ciência ou as artes.

(cc) BY-NC-SA

Nas mudanças corporais e do seu modo de ser sobre o mundo, que é convocado o adolescente a presenciar, quer queira ou não, ele vê os seus alcances subjetivos como o espaço de refúgio regressivo, que por vezes, tende a perceber a necessidade de reformulação da idealização que fazia sobre o corpo e seu modo de constituição, pois escapa daquele que desejava quando se tornasse adulto. Essas transformações colocam em conflito a relação do adolescente com o próprio corpo, pois há o sentimento de invasão e de estranhamento, que se concretizam como os indícios da integridade do seu ego e de sua personalidade. (OUTEIRAL, 2005).

Com o desejo de habitar outros novos territórios e pelo encontro de novos objetos além das figuras parentais, a formação dos grupos tem o suporte para acolher seus impulsos sexuais e agressivos, além de fortificar seu horizonte intelectual e social. Nele, o fato comum é que todos estão à procura de si mesmos, que faz com que muitos vistam-se com estilos parecidos e usem da mesma forma de linguagem. Fator evidenciado aos grupos comuns que se formam também no âmbito escolar. Ao se sentirem parecidos um com os outros, há o conforto em dividir seus pensamentos e suas concepções de mundo. (LEVISKY, 2005).

A formação de vínculos se estrutura a partir das necessidades e de sentidos a relações intersubjetivas, ao qual há a procura por novas relações como forma de escape às idealizações das figuras do contexto parental do adolescente. Na estrutura vincular, sujeito e objeto interagem mutuamente, acontecendo uma internalização dessa estrutura relacional, que faz com que se admita uma dimensão intra-subjetiva, significadas ao mundo interno, que se caracteriza com interações entre objetos; tais relações condicionarão a aprendizagem sobre a realidade. Dependendo do acontecimento de construção entre o âmbito intersubjetivo e intra-subjetivo, é que a aprendizagem será definida como um processo de interação de forma a um circuito aberto, assim como um espiral, ou ao contrário, como um circuito fechado, limitando a uma estereotipia. (RIVIÈRE, 2005).

> D., nos faz pensar em um certo vazio, que, contabilizados os momentos, continua sendo composto até as bordas, e paira à necessidade de expressão, que enfim, transborda. São preocupações de um mundo tão real que parece sufocar. Tende a estar totalmente entregue ao "vir a ser algo no futuro". Estude, tente ser o seu melhor, pense naquilo que deseja e faça de tudo para conseguir. Mas na conflitiva de se sentir na obrigação de cumprir com aquilo que anseia ou que lhe impõem no seu âmbito familiar, ela se pega em devaneios sobre as suas poucas relações com o outro, pois na importância que envolve esse, não recebe o afeto como troca mútua. Na aproximação vaga que sente sobre as pessoas, "quase todo mundo que passa, vai embora logo depois". (DIÁRIO DE CAMPO, dia 11 de junho de 2019).

(cc) BY-NC-SA

Sutilezas da cartografia de Guattari e Rolnik (1996) nos tocam à constatação de desejos, emaranhados de territórios e, amor. O que permeia a fala da jovem é que há na composição desejante, sua tentativa de encarar o desamparo. O embate com a elaboração da falta, preterido que a infância sustentava um lugar com referências sólidas, se percebe na tentativa de seguir caminhos ao encontro com o outro.

Penélopes e Ulisses[4], em todos nós. A simbiose sobre as relações ou a vontade de espelho. Na busca incessante do eterno em sua totalidade, somos jogados ao sufoco que desloca de possibilidades de tecer, assim como nos constituir de todos os fios.[5] Entendemos a constatação das Penélopes: elas tecem, só que o seu estático amor por Ulisses. Rejeita as aparições de afetos que podem se formar. A vontade do único amor lhe toma por inteiro, "ela e o outro (Ulisses) dentro dela. Penélopes eternamente condenadas à vontade de ficar". (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 285).

Condenadas ao receio da desterritorialização e à aventura que lhe submete à falta que Ulisses pode acometer, pois na sua ausência, está o ponto de silenciamento que instaura a destruição subjetiva de Penélope. No vazio corporificado de Ulissesestá a esperança de que cada retorno ascenda a sua volta como mulher. Pois, sente na perda a sua total desfragmentação como ser.

> 'E cada volta tua há de apagar o que essa ausência me causou...': a cada volta tua saberei de novo... e de novo... e de novo... que sou mulher. É nos gemidos que pontuam a angustiada espera de Ulisses – cultivo da simbiose – que Penélope garante seu espelho. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 285).

Ulisses tem receio de tecer. Ele viaja por diferentes lugares, nutrido de acontecimentos. Contorna o mundo com as partes que vivencia em suas aventuras. Há em Ulisses o desejo pela partida. A sua desterritorialização está nos efeitos que o tecer dos fios contínuos pode surtir. Assim, a sua denúncia está na vontade de presença que Penélope contesta. Contraditoriamente, a ausência lhe constitui como seu território existencial. "Ele precisa ir-se para manter Penélope sob a ameaça de perdê-lo, e nessa ameaça manter vivo seu desejo por ele, desejo no qual ele se espelha." (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 286). Quando é clamado por ela, pode, enfim,

[4]HOMERO. Ilíada. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 536 p.

[5]Pénelope tece e destece fios de certa vestimenta na espera de Ulisses, pois a promessa de casar com um dos pretendentes que demonstravam interesse no incessante tempo em que Ulisses esteve fora, era de que assim terminasse de tecer tais fios. A sua fuga, foi então, tecer todo dia para que no final do dia pudesse destecer em um movimento constante para não chegar ao fim. (HOMERO, 2015).

(cc) BY-NC-SA

afirmar a sua existência, que transita entre a fuga e o eterno retorno da simbiose ao qual ele pode ser visto.

Configuramo-nos, ora como Penélopes, ora como Ulisses, nas diferentes esferas e necessidades de partidas ou retornos, ou presença intensificada. Mas nos movimentos, de encontros não mais suscetíveis a sermos as mesmas pessoas da espera, ou da vontade de ir.

> Mas um dia, o Ulisses – presente em cada um de nós, homens e mulheres – sai de cena: desgarra-se definitivamente de Penélope. Ele não voltará nunca mais. Supera o medo, já não precisa de espelho na espera dela, nem na de ninguém: entrega-se de corpo e alma à desterritorialização. E uma outra cena se instaura: a das máquinas celibatárias. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 287).

Retomando o discurso de uma das componentes do grupo, a reflexão se influi nesses estreitos das relações em que ela adverte como não suscetíveis a encontros reais e continuidades. Mas o que é um vir a ser a experiência de um outro conjugado a nós com a necessidade de um certo aparato afetivo, como se assim, pudesse sustentar a bagagem que carregamos? Além do espelho, para que possamos nos compor como ser em singularidades, e não a necessidade do outro para nos transmitirnossos contornos como uma elucidação simbiótica. Negar o emaranhado dasmáquinas celibatárias, é defrontar as conjugações de mundo e pedir passagem. Territorializar é imprescindível para que a vida aconteça com seus encontros. Que saibamos contrastar com a vida suas viagens solitárias, “uma solidão povoada pelos encontros com o irredutivelmente outro”. (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p. 290).

Composições sobre o vir a ser grupo

O grupo não se apodera da instituição de verdades tidas como condicionantes ao seu acontecimento. Quando recusa a colonização a identidades estruturantes, se constrói pelo meio, é o grupo com seu modo-rizoma. Nessa perspectiva, Barros (2009), descreve que a finalidade é o acompanhamento de suas conexões, das formas de rupturas, assim como engendramentos de suas articulações com o externo, para singularidades suspensas ao coletivo.

O grupo como não estruturante, constrói territórios na intenção de encontrar linhas que estão sendo conectadas, que se dissipam, formam outras. Linhas de fuga como rizomas, porque escampam do estatismo possibilitando fluxos de discursos, composições. (BARROS, 2009). Os recortes de vida estão sendo compostos em modo coletivo para que o sujeito seja ele próprio um agenciamento de enunciação em um campo heterogêneo atravessado por diversas linhas que formam seus discursos desejantes.

(cc) BY-NC-SA

Nas reminiscências que os encontros despertavam, a ausência de três integrantes do grupo em um deles, nos instigou a tentar construir um processo coletivo sobre as significativas e quais eram as suas discussões sobre o porquê de estar acontecendo o grupo.

> G. tem um esboço sobre as articulações que acontecem no grupo, ao qual ajuda a tecer linhas de encontro ao que integra a si e ao outro. Consegue demonstrar suas concepções não anulando outras presenças que ali circundam. Ao questionarmos sobre qual era a perspectiva de formalização de grupo, conta que uma amiga havia dito que era para que tivessem um espaço para contar seus problemas. Ela então reivindica, pois pode significar ir além de um grupo terapêutico fechado em si e sobre demandas individualizantes, mas que no coletivo seja possível abarcar novas formas de sentido e de expressão aos contornos do cotidiano. (DIÁRIO DE CAMPO, dia 18 de junho de 2019).

O rizoma, aquém da estrutura arborescente que centra suas relações a um tipo de homogeneidade e hierarquização, parte do princípio de possíveis conexões, em que suas ramificações se estendem a todos os sentidos. O mapa é "aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente." (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22). A partir desse enfoque, a metáfora rizomática surge como definições as práticas grupais desenvolvidas no âmbito escolar, afim de desnaturalizar hierarquias em um processo de construção de singularidades e seus nuances frente ao mal-estar vivenciado por adolescentes. Por articulações sobre os encontros, temos tido a observância de diálogos que pautam sobre temas que atravessam seus contextos, como a preocupação com o futuro, incertezas sobre escolhas, conflitos familiares e pretensões à vida que tende a se configurar.

Provisoriedade de identidades, o grupo opera como uma rede de conexões, pedaços sujeitos-objetos que constroem outros. Pensemos na importância de sedimentar os verticalismos e horizontalismos na estruturação de saberes ou hierarquias institucionais. Nesse ínterim, a transversalidade, conceito exercido por Guattari (2004), abandona a ação lógica para que haja uma perspectiva de circulação a fluxos, que se movimenta para escapar a outros e se articular a novos modos de agenciamentos coletivos. "A modificação deve incidir no nível de uma redefinição estrutural da função de cada um e de uma reorientação do conjunto. Enquanto se mantém imobilizadas em si mesmas, as pessoas só podem ver a si mesmas." (GUATTARI, 2004, p. 111).

Para o autor Baremblitt (2011), o trabalho grupal suscita a formas de compreender análises políticas, assim como a elucidação sobre o inconsciente. Pois, o grupo, como

(cc) BY-NC-SA

determinante a um contexto social, é uma organização ao qual está engendrado diferentes instituições. Atravessamentos ideológicos, aspirações políticas e enconômicas, fluxos desejantes. Nesse sentido, não há cruzamentos que se afirmem como práticas homogeneizantes e como um sistema autossuficiente desconectado de sua relação com o externo.

> O encontro nos infere a certas dificuldades de acessar modos de vidas que ali compõem. É uma tarefa de momentos angustiantes tentar sair da cadeia professor, aluno, notas. Por estarmos adentrados à instituição, sentimos a sua atmosfera como impositivo de uma certa relação e limitação de continuidades do ser a mais que o processo educacional que acontece. Como se organizam os fluxos fora do ambiente escolar? Como a vida acontece, há preocupações, afetos, alegrias, entristecimentos além, ou estamos obstinados a viver na borda do que a instituição opera como constituinte na vida de cada um? (DIÁRIO DE CAMPO, dia 11 de junho de 2019).

O território se conjuga como um espaço além do que aponta a sua estrutura física. Além de suas grades, suas diversas salas, biblioteca ou pátios, há incessantes produções de modos de ser, de se relacionar, de amar, de se comportar. Para Guattari e Rolnik (1996, p. 323), é por um sentido mais amplo:

> Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente "em casa". O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.

Na captura da grande máquina capitalística que dita e inscreve as circunstâncias para que a finalidade seja a produção, há no consumo de bens, no engajamento ao crescimento massificado e homogeneizado, um sujeito considerado em seu artifício de individuação. A captura sobre subjetividades descreve o ritmo cotidiano do indivíduo marcado por uma lógica que dita sobre modos de se comportar, de vestir, de se alimentar, de viver. Em meio ao engessamento diário, são necessários modos de criação de territórios existenciais para que ajustes afetivos e expressivos se constituam de amparo à vivacidade e processos de maturação. (LIMA; YASUI, 2014).

Docilidades

(cc) BY-NC-SA

Foucault (2014) coloca as disciplinas como os métodos sutis que controlam os corpos, na sujeição de suas forças, figurando assim, as práticas de dominação. Dócil na medida em que está submetido e pode ser aperfeiçoado para o interesse de outra ordem. Desse modo, o corpo confinado a uma apropriação sobre seus fluxos, entra nos enquadres do poder. Entretanto, não basta a submissão, é necessário o uso de técnicas e de habilidades para que esses forneçam a sua melhor utilidade, o seu corpoativo, ágil e eficiente. “A disciplina fabrica assim, corpos submissos e exercitados, corpos dóceis.” (FOUCAULT, 2014, p. 135).

A escola, como instituição primeira na estruturação de sujeitos, tem no seu aparato formas de disciplinarização, para que assim se suceda a ordem. Fabrica-se indivíduos, dita modos de pensar, de escolher, de sentir. As multiplicidades se estreitam ao “olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame”. (FOUCAULT, 2014, p. 167).

Não se nega a sua importância fundamental na constituição de uma ética e da produção de conhecimentos, mas problematizar com práticas de resistência e confrontar com os modos de subjugação que sentenciados a notas definem o merecimento intelectual, ou a chamadas intermináveis e dias letivos que se operam na mecanicidade, torna-se como ações no intuito de desestabilizar o poder que se esboça no intuito de adestrar sujeitos. Assim como nos infere Baremblitt (2011), ao questionar sobre as tecnologias disciplinares encontradas no grupo, compreende essas como a articulação das relações que confronta-se a processos de micropoderes no âmbito das circunstâncias institucionais inseridas ao campo.

Acontecimentos que flagram os alunos, visto como “incomuns” em um contexto que aciona o rol da homogeneidade, circularam muitas vezes no contexto interventivo do grupo:

> As integrantes direcionam seu interesse para uma certa curiosidade sobre as práticas possíveis à Psicologia, nos questionando como é ter escolhido a profissão: “Eu acho interessante porque parece que se aprende a escutar melhor as pessoas”, aponta uma delas. Ao nos suscitarem a possibilidade ou não do psicólogo atuante intervir com receituários de medicamentos, no momento da discussão sobre esse trabalho que afirmamos ser disposto ao médico psiquiatra, outra integrante conta sobre um dos alunos da instituição que trazia para as aulas os seus psicofármacos, o que para ela parecia querer sentir o olhar dos colegas, afirmando a ação positiva do medicamento sobre si. (DIÁRIO DE CAMPO, dia 18 de junho de 2019).

A medicalização se caracteriza como uma expansão do poder e saber médico para as esferas da vida, juntamente ao nascimento da medicina social e do hospital e ao acúmulo de funções médicas e não médicas pela psiquiatria, entre os séculos XVII e XIX, sobretudo na

(cc) BY-NC-SA

Europa e, posteriormente, na América Latina. (LEMOS; GALINDO; RODRIGUES, 2014). Práticas medicalizantes atuam na produção de modos de subjetivação, em um complexo biopolítico e disciplinar em que assim "adestra" indivíduos como defasados ao juízo de um sistema econômico que dita regras, confinando a invasão sobre corpos em sua concepção subjetiva. O bem-estar é proporcionado por um agente de fora, que assim esboça controles na vida do sujeito, pois a sensação só é proporcionada na medida em que esse fator está inserido em sua vida.

> Digamos também o seguinte: deixando as pessoas agir, a instituição neoliberal [...] as deixa agir em grande parte porque quer deixá-las falar, mas deixá-las falar o quê? Pois bem, deixá-las falar que está certo deixá-las agir. Ou seja, a adesão a esse sistema liberal produz como subproduto, além da legitimação jurídica, o consenso, o consenso permanente, e é o crescimento econômico, é a produção de bem-estar por esse crescimento que vai, simetricamente a genealogia 'instituição econômica-Estado', produzir um circuito 'instituição econômica-adesão global da população a seu regime e a seu sistema'. (FOUCAULT, 2008, p. 115).

Não há a discordância na importância do uso de medicamentos para muitos casos e sua total necessidade, mas há de se pensar em perspectivas que trabalhem no ritmo a uma promoção de saúde. Aliadas a outros comprometimentos que possam estar favorecendo o questionamento afim do funcionamento de tais medicamentos no organismo, ou de que forma se compromete o corpo e suas atribuições singulares junto à ação medicalizante. Vir a buscar formas de não isolar essas práticas como o princípio na constituição dos sujeitos.

Os saberes, sejam biomédicos, psiquiátricos, enunciam discursos que colocam em xeque certos regimes de verdade, que, por sua vez, são utilizados como dispositivo de segurança em uma lógica governamental. "O que está em jogo são tecnologias biopolíticas que engendram modos de subjetivação e sujeição por meio de técnicas medicalizantes que visam a produzir populações governáveis e sujeitos docilizáveis." (LEMOS; GALINDO; RODRIGUES, 2014, p. 207). Para atingir seus efeitos de conjunto, as disciplinas medicalizantes agem junto à economia política e os saberes em benefício de um maior crescimento do Estado com os menores custos possíveis produzidos a um controle de técnicas governamentais.

Considerações finais

Os acontecimentos ocorridos na instituição escolar puderam melhor ser compreendidos mediante a elaboração de hipóteses que foram desenvolvidas a partir da de fragmentos discursivos dos jovens que compunham o grupo.

(cc) BY-NC-SA

Há também, um aspecto curioso, momento em que ficou acordado com a escola que haveria grupos tanto para alunos quanto para professores, mas após cerca de algumas semanas foi pauta das reuniões o fato da aparente ausência contraditória dos mesmos – Pois nos primeiros contatos, a ideia de existir um espaço para os profissionais falarem a respeito de seu mal-estar, foi recebida com toda sorte de aceitação, no entanto,durante seguidas semanas, o espaço seguiu da ausência dos mesmos.Este detalhe peculiar logo deflagraria uma compreensão da situação atual, pois aparentemente havia um mal-estar, mas este se confirmou não advir dos alunos, pois nos territórios que foram possíveis ser conectados ao grupo, a disposição diz da emblemática dos jovens de se perceberem como sujeitos de escolhas, com seus desejos e a busca por entendimento, processos que se encontram com seu momento de vida atual e que confirma o ser adolescente. Àquele integrante mais calado que se expressava ao fim do encontro, ou a menina que se posicionava de forma mais concisa entre seus diálogos, cada um transpõe seus modos subjetivantes heterogêneos, portanto pode ser pensada a afirmação de que há a ausência de um entendimento por parte da instituição como um todo para lidar com as diferenciações do modo de ser, de sentir e expressar frente ao mundo.

Não há o descarte da importância de uma problematização e olhar atento ao cotidiano dos alunos, mas pôde ser observado que o modo de vida desses, cada um em suas diferentes composições, está conjurado a uma particularidade de transformações, seja das mudanças do corpo, das perspectivas com o futuro, ou de âmbito familiar. Ora, se tornam intensas de serem vivenciadas e provocam instabilidades nas esferas institucionais, visto que suscitam as práticas sensibilizadas em uma perspectiva de acolhimento às diferenciações da atmosfera dos adolescentes.

Referências

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. *Adolescência Normal:* Um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1981. 92 p.

ALBERTI, Sonia. *O adolescente e o outro.* 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 76 p.

BAREMBLITT, Gregório F. Mesa-redonda III: Articulações Crítico-Produtivas entre Intervenção Individual, Grupal e Institucional. In: BAREMBLITT, Gregório F. *O inconsciente*

(cc) BY-NC-SA

institucional. 2. ed. Belo Horizonte: Editora FGB/IFG, 2011. Cap. 3. p. 101-139. (Simpósio Internacional de Psicanálise, Grupos e Instituições).

BARROS, R. B. *Grupo:* A afirmação de um simulacro. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs:* capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. Cap. 1. p. 10-37. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.

FOUCAULT, Michel. Aula de 31 de Janeiro de 1979. In: FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica:* Curso dado no Collége de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 103-139. Tradução de Eduardo Brandão.

FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. In: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir:* Nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 133-167. Tradução de Raquel Ramalhete.

GALLO, S. *Deleuze & a Educação.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

GUATTARI, Félix. A transversalidade. In: GUATTARI, Félix. *Psicanálise e transversalidade:* ensaios de análise institucional. Aparecida: Ideias & Letras, 2004. p. 101-117. Tradução de Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Amor, territórios de desejo e uma nova suavidade... In: GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica:* Cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes Ed, 1996. Cap. 6. p. 281-291.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Apêndice: notas descartáveis sobre alguns conceitos. In: GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica:* Cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes Ed, 1996. Cap. 9. p. 317-324.

(cc) BY-NC-SA

LEMOS, Flávia Cristina Silveira; GALINDO, Dolores; RODRIGUES, Robert Damasceno. Processos De Medicalização De Crianças E Adolescentes Nos Relatórios Do Unicef. *Pesquisas e Práticas Psicossociais – Ppp,* São João del Rei, v. 2, n. 9, p.201-212, jul-dez. 2014.

LEVISKY, David. Desenvolvimento psicossocial do adolescente. In: OUTEIRAL, José Ottoni. *Clínica psicanalítica de crianças e adolescentes:* Desenvolvimento, psicopatologia e tratamento. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. Cap. 1. p. 87-109.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo; YASUI, Silvio. Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 102, p.593-606, jul-set. 2014.

OUTEIRAL, José Ottoni. Distúrbios psicossomáticos na adolescência. In: OUTEIRAL, José Ottoni. *Clínica psicanalítica de crianças e adolescentes:* Desenvolvimento, psicopatologia e tratamento. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. Cap. 2. p. 243-253.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.) *Pistas do método da cartografia:* Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS, 2015. 207 p.

RASSIAL, Jean-jacques. *O adolescente e o psicanalista.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005. 216 p. Tradução de Lêda Mariza Fischer Bernardino.

RIVIÈRE, Enrique Pichón. Técnica dos grupos operativos. In: RIVIÈRE, Enrique Pichón. *O processo grupal.* São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 119-134. Tradução de Marco Aurélio Fernandes e Maria Stela Gonçalves.

Recebido em novembro de 2019.
Aprovado em dezembro de 2019.

(cc) BY-NC-SA